

## **A Cidade ideal e a possível: Juiz de Fora (MG) pela perspectiva de Albino Esteves e Oscar Vidal Barbosa Lage no Álbum de 1915**

**ANA LÚCIA FIOROT DE SOUZA\***

### **INTRODUÇÃO**

A Cidade de Juiz de Fora (MG) foi elevada à categoria de cidade em 1850 e no limiar do século XX, despontava no cenário estadual. A diversidade pode ser considerada um dos seus alicerces para seu desenvolvimento: várias etnias, atividades econômicas pautadas na agricultura, comércio, indústrias nascentes, bem como na prestação de serviços (OLIVEIRA, 1991, p. 37-42, BORGES, 2000).

Localizada a 184 km do Rio de Janeiro (antiga Capital da República) e a 272 km de Belo Horizonte (Capital do Estado de Minas Gerais)<sup>1</sup>, o que facilita o intercâmbio de ideias e interesses. A proximidade assinalada foi propícia à incorporação e posterior difusão de valores atrelados à desejada “modernidade”, como norteador da sua urbanidade e representação, via imagéticas, como fotografias, cartões postais e impressos.

Dentro das “incorporações” de artefatos ligados ao ideário moderno, após o advento do regime político Republicano no Brasil, visto compreender como a Cidade de Juiz de Fora, adota e procura se propagar através de impressos como o *Álbum do Município de Juiz de Fora de 1915*, organizado por Albino Esteves (Lucio d’Alva) e Oscar Vidal Barbosa Lage. Os álbuns de cidades, amplamente utilizados no final do século XIX e início do XX, tinham por objetivo apresentar uma síntese, como conjunto articulado do que foi selecionado e digno de ser representado acerca de narrativas sobre grupos e lugares urbanos (LIMA, CARVALHO, 1997, p.19).

---

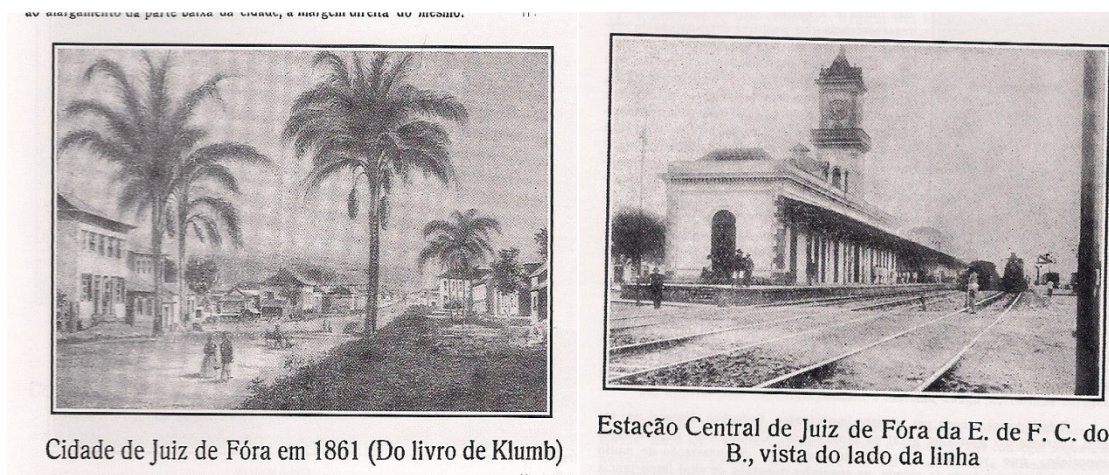
\*Mestra em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo e bolsista do CNPq desde Agosto de 2010.

<sup>1</sup>Informações retiradas do site: <http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/distancias.php>, acessado em 29 de Abril de 2013.

## JUIZ DE FORA: A “PRINCEZA DE MINAS”

Ainda em 1914, o *Jornal do Brasil*, impresso Carioca de grande circulação, veiculou uma edição suplementar dedicada à cidade de Juiz de Fora e inicialmente apresenta sua vocação para as letras e ciências (*Athenas*) e também a produção fabril (*Manchester*) concatenada com o capitalismo em implantação na jovem nação<sup>2</sup>.

Esse é o cerne das representações da cidade em estudo, principalmente no que tange as imagéticas – empreendedora e articulada com os anseios da “modernidade do subdesenvolvimento”- em implementação (BERMAN 1988) que, na inviabilidade de concretizar plenamente, se ateu em construir cenários inspirados nos modelos europeus, especialmente no francês.



(Imagem 1)

(Imagem 2)

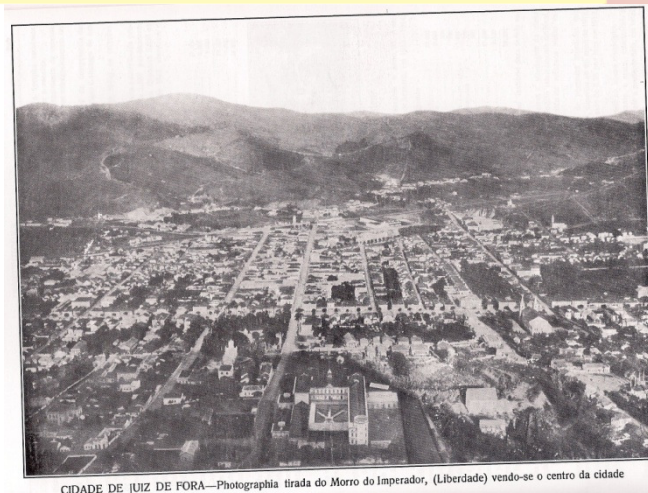
Fonte: ESTEVES, Albino. LAGE, Oscar Vidal Barbosa (org.). *Álbum do Município de Juiz de Fora*, 3ª edição, Juiz de Fora, FUNALFA, 2008, p. 208

<sup>2</sup> O *Jornal do Brasil*, em 13 de novembro de 1914, veiculou um suplemento especialmente dedicado a Juiz de Fora, introduz seu texto com referências a vocação as letras, artes e ciências e também o desenvolvimento de estabelecimentos fabris, especialmente com estereótipo arquitetônica com o uso de tijolos aparentes.

As imagens (1 e 2) foram inseridas na seção *água e esgoto*, e são desconexas ao texto do seu entorno, que versa a respeito dos entraves advindos da ocupação territorial do solo, com o crescimento da cidade, em especial, os estudos desenvolvidos por Saturnino de Brito, em prol de melhorias no saneamento e escoamento dos cursos hídricos. A imagética oriunda do livro de Klumb (1) é apresentada como marco dos primórdios da cidade, mas atua também, como sinalizadora da sua vocação progressista - desde o início adota traçado largo para as vias públicas (ORTIZ, 1991, p. 28). Nesse sentido, tem-se por objetivo a sedimentação da memória, que transcende a mera representação da urbanidade nascente, mas que indiretamente, reforça o elo entre Juiz de Fora e Petrópolis, bem como com a Família Imperial – via relações entre Mariano Procópio Ferreira Lage e Dom Pedro II (COSTA, 2011, p.39).

Essas imagens (1 e 2) remetem a implementações de meios de transportes, essenciais à circulação de ideias, pessoas e mercadorias e a ferrovia pode ser considerada como pontual ao progresso e a almejada modernidade (ORTIZ, 1991). Vale lembrar que o país visava implementar uma infraestrutura técnica, como a difusão de troncos ferroviários e melhorias nos portos, para viabilizar o escoamento de matérias-primas e à captação de imigrantes europeus (SEVCENKO, 2003, p. 63). Nesse propósito, na imagem 2 pode ser interpretada como artefato de autoafirmação, no que se refere ao preparo para receber as benesses Capitalistas. Os álbuns tinham por propósito veicular as cidades, além de suas fronteiras, atraindo pessoas e capitais.

O propósito de apresentar a temática da circulação é insistentemente explorado na edição, haja vista as várias pontes (rodoviárias e ferroviárias) que integram o conjunto imagético, amplamente identificadas com legendas, mesmo quando se refere aos distritos e as áreas rurais; quiçá ao que tange a área urbana!



(Imagem 3)

Fonte: ESTEVES, Albino. LAGE, Oscar Vidal Barbosa (org). *Álbum do Município de Juiz de Fora*, 3ª edição, Juiz de Fora, FUNALFA, 2008, p. 245.

A imagem 3 é uma das três tomadas parciais que eram reproduzidas, entre outros propósitos, com a intenção de apresentar em recortes, assim, em expansão. Na sua extensão somos levados a observar a Rua Halfeld, ladeada pela Rua Marechal Deodoro – ambas centralizam os principais estabelecimentos comerciais. Centralizado no primeiro plano, é possível observar as edificações pertencentes à Academia de Comércio – centro educacional que teve papel relevante no letramento e formação de indivíduos (de várias localidades) dotados de poder aquisitivo e com predileção ao ramo comercial e industrial. Progresso econômico para se sustentar precisa dialogar com o progresso técnico e uma Academia torna-se elementar a “mudança de marcha” da transição entre agricultura para a indústria (HOBSBAWM apud ORTIZ, 1991, p. 25).

Nesse contexto empreendedor e com viés para a diversidade, apresentamos a imagem 4, veiculada na seção direcionada às *Indústrias*. Exploram-se imagens internas, focando no maquinário (infraestrutura possível devido aos desenvolvimentos técnicos), mas especialmente também se preocupam em estampar as fachadas dos estabelecimentos.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL



(Imagem 4)

Fonte: ESTEVES, Albino. LAGE, Oscar Vidal Barbosa (org). *Álbum do Município de Juiz de Fora*, 3ª edição, Juiz de Fora, FUNALFA, 2008, p. 282.

José Murilo de Carvalho (2005) defende que tivemos algumas tentativas para a formulação da imagem da “nação brasileira”, com a distribuição dos papéis dentro do jogo de construção dos processos identitários. Com a imagem 4, identifica-se como pertencente ao que Carvalho denominou de “visão paternalista do povo”, onde é exaltado o povo cordial, fraterno, honesto e trabalhador, porém, esse “povo” não recebeu voz, restando-lhes apenas atuar na construção/melhoramento da sua imagem. As pessoas aparecem posando à frente dos estabelecimentos ou mesmo entre os maquinários e exteriorizam a nação imaginada pelas elites dentro dos investimentos simbólicos de criação do Brasil. Se recorrermos às legendas e mesmo às apresentações dos textos envolvidos, se trata de uma nação brasileira que acolhe e dialoga positivamente com o imigrante trabalhador e empreendedor. Nas imagens não são apresentados conflitos sociais e econômicos, mas sim uma sintonia com a “cultura moderna do nacionalismo” (ANDERSON, 2009) do visado enquadramento aos moldes da modernidade.

O discurso imagético sobre as atuações dos imigrantes, de nacionalidades distintas, no comércio parecem consideravelmente nos álbuns, entretanto é preciso observar que tais escolhas foram norteadas pelos princípios de mercado,

onde os estabelecimentos “compravam espaços”, via ajuda de custo. Entre outros objetivos, visavam difundir a ideia do “branqueamento da raça”, como uma forma de exaltação das origens europeias em detrimento ao mulato (CARVALHO, 2005). O “branqueamento” era mais um artifício para se alcançar o progresso desejado. Simultaneamente a propagação desse discurso, ocorria diariamente nos jornais, notícias sobre envolvimento de imigrantes em situações de desordem pública – alcoolismos, latrocínios, furtos, entre outros eventos. Em especial, precisamos considerar tais relações cotidianas como uma reação a ordem vigente, motivadas por decepções com a nova terra, saudosismo em relação às origens ou mesmo como desvio de caráter.

Pensar a cidade como elemento estereotipado da modernidade é interessante, pois a mesma foi ventilada como um bem partilhado por todos, mas que na realidade se transforma em elemento de segregação social e econômica. Assim, suas representações foram sustentáculos a pedagogia do olhar, explorada pela imprensa e especialmente pelos álbuns, atuando no reforço do imaginário brasileiro, com destaque as benesses trazidas pela República em “parceria” com a revolução tecnológica. Nesse condão, despreza-se o passado colonial e imperial e prioriza-se o sentimento de superação.

A incorporação desta “nova” mentalidade social, no que tange à pobreza, esteve atrelada ao discurso higienista em prol das novas feições urbanistas espelhadas no modelo francês, somatizado pela crise do mercado de trabalho, após a década de 1870. A visão social da pobreza se altera, e passa a ser considerada como uma praga a ser combatida (Idem). Simultaneamente, difunde-se, na imprensa, um discurso ligado aos estabelecimentos educacionais que tinham por propósito, moldar o imaginário social e coletivo aos anseios da civilização e do progresso.

O Brasil, e Juiz de Fora (MG) por consequência, precisavam incorporar um novo ritmo de crescimento, mesmo que isso levasse a disseminação de discrepâncias regionais (SALIBA, 1999, p.292). A imprensa teve papel relevante na “moldagem” do pensar de toda uma sociedade, mesmo os desprovidos de

letramento que “consumiam” tais ideologias através do acesso ao discurso imagético (ANDERSON, 2009, p.70). Nesse sentido, a imagem 1 apesar de destacar o traçado largo da sua avenida, apresenta a arquitetura colonial que precisava ser superada e com ela, o seu passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos acerca dos espaços urbanos nos brindam com um caleidoscópio de possibilidades interpretativas, mas optamos pelo viés histórico – interpretá-la enquanto fenômeno do seu tempo e espaço.

Albino Esteves e Oscar Vidal Barbosa Lage, ao organizarem a publicação do álbum para a cidade de Juiz de Fora (MG), em 1915, tinham por objetivo propagar a cidade como mercadoria, ressaltando em suas origens a vocação ao empreendedorismo e progresso: sua urbanização foi impulsionada pelos anseios da modernidade – traçado largo para ruas e avenidas, adoção precoce de iluminação pública (via Usina de Marmelos), serviço de bondes nos bairros centrais, ampla adoção de estilos arquitetônicos relacionados ao neoclássico e eclético, serviços ligados ao transporte férreo, entre outros.

Para compor imagetivamente a publicação em estudo, os organizadores contaram com o “fornecimento” de imagens por parte de particulares, com a contribuição do acervo fotográfico pertencente à família do amigo Alfredo Ferreira Lage, mas também, teve a participação ímpar do fotógrafo M. Santos, que percorreu os distritos para registrá-los<sup>3</sup>.

O *Álbum do Município de Juiz de Fora*, de 1915, pode ser considerado como uma espécie de “coleção montada”, que reúne fotografias de vistas urbanas, de espaços de lazer, ambientes educacionais, religiosos, com instituições públicas privadas, entre outras, motivadas pelo anseio colecionista e documental.

---

<sup>3</sup> O *Pharol* de 15 e 28 de julho de 1914 noticiam as andanças do fotógrafo M. Santos pelos distritos. Em 02 de setembro de 1914 o mesmo jornal informa que M. Santos concluiu os serviços referentes aos registros imagéticos para o *Álbum do Município*.

A Cidade é apresentada de forma ordeira, culta e empreendedora, dotada de benfeitorias e infraestruturas que a habilitava à modernidade possível para a realidade Brasileira. Assim, a *urbes* para Albino e Oscar não atuava

## REFERÊNCIAS TEÓRICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo; Cia das Letras, 2009.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo; Cia das Letras, 1988.

BORGES, Célia Maia (org.) *Solidariedades e conflitos: história de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*: UFJF, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de História e política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

COSTA, Carina Martins. *Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio*. (Tese de doutorado), Rio de Janeiro, FGV, 2011.

LIMA, Solange Ferraz e CARVALHO, Vânia Carneiro. *Fotografia e Cidade*. São Paulo; FAPESP, 1997.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)*. (Dissertação de Mestrado), Niterói: UFF, 1991.

ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade: a França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SALIBA, Elias Thomé. "A dimensão cômica da vida privada na República". In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 1999. (História da Vida Privada no Brasil; v.3)

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PRACEL